

ALFABETIZANDO COM TRABALHO DIVERSIFICADO: RESPEITO ÀS DIFERENÇAS COM AFIRMAÇÃO DE DIREITOS

Simone Ribeiro

Universidade Federal de Juiz de Fora-Colégio de Aplicação João XXIII

Resumo:

Este artigo foi construído a partir das reflexões suscitadas em meu percurso, como professora de 1º ano, na busca de alternativas para garantir aos alunos propostas de trabalho que garantissem seus direitos à aprendizagem e ao mesmo tempo respeitassem suas diferenças. Assim, cabe ressaltar que o texto, escrito em primeira pessoa e na forma de relato, teve como objetivo apresentar análises e reflexões sobre os desafios da construção do trabalho diversificado, numa escola pública de ensino fundamental que, via de regra, segue o padrão encontrado nas instituições públicas de ensino fundamental pelo país à fora, ou seja, a normatização dos tempos, espaços e, até das práticas pedagógicas que, normalmente, são pensadas para as turmas como um todo. Desse modo, trago as reflexões e os interlocutores com os quais estabeleci um diálogo e que foram fundamentando ou refutando minhas práticas cotidianas que, compartilho neste artigo, na intenção de trazer para a conversa outros professores que se encontrem na mesma caminhada.

Palavras-chave:

Trabalho diversificado; Alfabetização; Freinet .

O trabalho com crianças é sempre desafiador! Sobretudo se ponderamos acerca das dificuldades enfrentadas pelos estudantes que ainda não se apropriaram do Sistema de Escrita Alfabética e para as quais nós, professores, precisamos construir estratégias de ensino que atendam às diferentes formas de aprendizagem verificadas entre as crianças. Este artigo foi construído a partir das reflexões suscitadas em meu percurso, como professora de 1º ano, na busca de alternativas para garantir aos alunos propostas de trabalho que garantissem seus direitos à aprendizagem e ao mesmo tempo respeitassem suas diferenças.

Assim, cabe ressaltar que o texto, escrito em primeira pessoa e na forma de relato, teve como objetivo apresentar análises e reflexões sobre os desafios da construção do trabalho diversificado, numa escola pública de ensino fundamental que, via de regra, segue o padrão encontrado nas instituições públicas pelo país à fora, ou seja, a normatização dos tempos, espaços e, até das práticas pedagógicas que, normalmente, são pensadas para as turmas como um todo.

Desse modo, trago as reflexões e os interlocutores com os quais estabeleci um diálogo e que foram fundamentando ou refutando minhas práticas cotidianas que, compartilho neste

artigo, na intenção de trazer para a conversa outros professores que se encontrem na mesma caminhada.

Desde que iniciei o trabalho no 1º ano me incomodava muito a dificuldade de atender as diferentes expectativas e desafiar cada criança de acordo com seu nível de aprendizagem. Então, a partir de referências como Celestin Freinet, Madalena Freire e Cecília Warschauer fui desenvolvendo experiências pedagógicas baseadas na convicção de que o espaço escolar precisa ser um ambiente rico de estímulos para que as crianças se desenvolvam e também de que cabe a nós, professores, proporcionar a elas, sobretudo nas das séries iniciais, condições de aprendizagem que atendam às suas necessidades. Buscando formas de que além de adquirirem conhecimentos de forma lúdica elas interajam melhor com os adultos e colegas da sala. Assim que foi surgindo um fazer, uma metodologia de trabalho que as crianças nomearam “carrossel”. Enfim, ao longo dos últimos cinco anos foram várias turmas que vivenciaram o processo e a cada ano vamos refletindo e adequando as necessidades e ao contexto das crianças.

Uma das influências para construir esta metodologia com certeza foi o educador francês Celestin Freinet. A pedagogia do Bom senso, criada por Freinet tem como característica principal a dimensão social, evidenciada pela defesa de uma escola centrada na criança, que é vista não como um indivíduo isolado, mas, fazendo parte de uma comunidade. A base desta pedagogia é o trabalho, ou seja, a ação do sujeito sobre o mundo. Assim as atividades manuais tem tanta importância quanto as intelectuais. A liberdade e a autonomia são muito valorizadas e a disciplina e a autoridade resultam do trabalho organizado. Em sua pedagogia questiona as tarefas escolares (repetitivas e enfadonhas) e os processos disciplinares autoritários e desconectados de sentido. A escola por ele concebida, é vista como elemento ativo de mudança social e é também popular por não marginalizar as crianças das classes populares. Para Freinet o trabalho/jogo deve ser a atividade fundamental para a aprendizagem e a partir deste princípio desenvolve técnicas construídas com base na experimentação e registro, que dão à criança instrumentos para aprofundar seu conhecimento e desenvolver sua ação. Uma destas técnicas foi a de “cantos de trabalho” que eram organizados na sala de aula ou fora dela e onde os materiais a serem utilizados deveriam estar disponíveis e ao alcance das crianças. Alguns cantos eram fixos e outros variavam conforme o interesse das crianças ou os níveis de ensino. Elementos fundamentais da Pedagogia Freinet que se expressam nos cantos de trabalho são a cooperação e a autonomia. (SAMPAIO, 1989)

Freinet (1989) já realizava o trabalho diversificado, afinal suas turmas eram, quase sempre multisseriadas e ele organizava seus alunos em grupos de acordo com seus interesses onde havia momentos coletivos, nos quais todos participavam das mesmas atividades e,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

outros momentos onde dedicava atenção especial a pequenos grupos atendendo-os em suas especificidades. Freinet também promovia a interação entre os alunos incentivando o apoio dos colegas mais experientes aos outros com menos experiência.

Tive contato com a Pedagogia Freinet e com as técnicas por ele propostas enquanto atuei como professora em uma escola particular no Rio de Janeiro onde os “cantos” eram utilizados. Naquela situação a organização do espaço era o foco principal e era a configuração dos objetos na sala de aula seguia alguns critérios e precisavam estar arrumados para garantir o acesso e a livre circulação das crianças que podiam se movimentar, construir, escolher, criar, espalhar, experimentar, fingir, trabalhar com os amigos, trabalhar sozinhas e em pequenos e grandes grupos. Os cantos, na verdade, eram espaços delimitados por móveis ou acessórios como estantes, conjuntos de mesas, tapete, biombo ou similares que por conterem materiais específicos ou mais adequados a aprendizagem de determinada área assim eram denominados. Então, tínhamos o canto da matemática, de ciências, de literatura, de escrita, de artes plásticas e tantos outros quantos fossem sendo incorporados a nossa rotina e aos nossos contratos de trabalho, que eram outra técnica proposta por Freinet, mas esta é outra história...

Outra pessoa que muito me influenciou foi a Madalena Freire (2001). Ela sempre esteve presente em minha vida profissional, pois ao me identificar com suas estratégias pedagógicas ainda durante o curso de formação de professores fiz a escolha de buscar caminhos pedagógicos que se pautassem na educação como arte, na relação entre emoção e aprendizagem baseadas na curiosidade natural das crianças, no trabalho de grupo, na sistematização e no registro como resultado de um processo que culmina em uma aprendizagem, no educador sendo sujeito e autor de sua prática e esta baseada na pesquisa e no planejamento cotidiano.

No trabalho diversificado a presença da Madalena é ainda muito mais reflexiva e teórica, mas a sua influência se pode notar na ideia de que os registros sempre têm que ser resultado de experiências. O registro, sobretudo o escrito permite a passagem da experiência direta para a experiência simbólica e atua na construção de conhecimentos quando há elementos informados pela memória e pela imaginação. De modo que, para nós professores, é um desafio pensar situações, com e para as crianças, onde elas interajam produzindo informações significativas as quais darão sentido e estímulo para os registros. E aqui cito a própria Freire para tornar claro a que estou me referindo:

Quando se tira da criança a possibilidade de conhecer este ou aquele aspecto da realidade, na verdade se está alienando-a da sua capacidade

de construir seu conhecimento. Porque o ato de conhecer é tão vital como comer ou dormir, e eu não posso comer ou dormir por alguém. A escola em geral tem essa prática, a de que o conhecimento pode ser doado, impedindo que a criança e, também os professores o construam. Só assim a busca de conhecimento não é preparação para nada, e sim VIDA, aqui e agora. E é esta vida que precisa ser resgatada pela escola. Muito temos que caminhar para isso, mas é no hoje que vamos viabilizando esse sonho de amanhã. (FREIRE, 2001, p.15)

A Cecília Warschauer (1993) também entra nesta conversa e contribui com a ideia da roda. No nosso caso, não exatamente uma roda física, mas na ideia de circulação de conhecimentos, numa tentativa de interrupção na delimitação de tempos e espaços por área ou melhor dizendo uma outra forma de delimitação. Assim, nosso trabalho diversificado ou como as crianças nomearam, nosso carrossel permite a circulação das crianças e dos conhecimentos, simbolicamente, numa relação dinâmica entre o que se faz junto e o que cada um faz no seu ritmo. Cecília nos diz que é no relacionamento com o outro, na interação, que construímos alteridades e a própria individualidade. Nesse sentido, a organização padrão do trabalho escolar, no qual o silêncio, a não interação com os pares, a padronização na realização das atividades por exemplo, desapropriam os alunos de sua expressão individual e, conseqüentemente, também não possibilitam a construção de relações grupais. Por isso, repensar a forma como tradicionalmente lidamos com a forma e o conteúdo na escola é fundamental.

Outra questão que está implícita na ideia de roda é o diálogo. É preciso considerar que conhecer exige interação. E interagir significa fazer barulho, rir, concordar, discordar, compartilhar enfim, numa turma de crianças esse processo não acontece em silêncio, mas devo confessar que, algo que tem me surpreendido na realização do trabalho diversificado é a capacidade de concentração e o compromisso das crianças com a realização das propostas. Não se pode dizer que a sala fica silenciosa, nem seria este o esperado, mas que os sons que ouvimos indicam o trabalho sendo realizado. De certo modo, Cecília também nos ajuda a pensar sobre esta questão trazendo outro elemento que nos é muito caro, a questão do lúdico e da construção coletiva:

[...] viver o lúdico na sala de aula significa também desvelar as regras do “jogo da escola”. As atividades escolares são, em grande parte, reguladas por quem está “de fora”, de modo que as regras são impostas aos participantes. Além disso, frequentemente não é o conhecimento, mas o poder que “está em jogo”. [...] O verdadeiro jogo cria ordem. Uma ordem muito mais eficaz porque aceita pelo grupo e

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



elaborada conjuntamente. Trata-se de reconstruir, não de abolir. Uma atitude que requer humildade e coragem, pois jogar significa correr riscos, colocar-se em jogo. Um jogo onde o poder absoluto do professor é questionado, pois professor e alunos tornam-se parceiros no jogo de construir conhecimentos. (WARSCHAUER, 1993, p.33)

Então, como, na prática, venho relaizando o trabalho diversificado? Ao planejar meu trabalho com o 1º ano, reservo um momento que pode ser semanal ou até bisemanal, no qual organizo diferentes atividades que deverão ser realizadas por todas as crianças da turma num determinado tempo previsto por mim. A escolha da ordem em que as atividades deverão ser feitas vai variando de acordo com a ampliação da autonomia das crianças. Assim, inicio este trabalho colocando duas ou três atividades que serão feitas ao mesmo tempo, mas ainda não por escolha individual, mas por orientação minha. Ou seja, geralmente escolho fazer a distribuição por fileiras ou por grupos de modo que, aconteçam as duas ou três trocas, mas sob a minha orientação. No início, sendo duas ou três atividades registro no quadro a atividade e vou colocando os nomes das crianças que vão concluindo cada uma. Para facilitar costumo levar os nomes impressos e vou afixando abaixo da descrição das atividades. Neste caso, ainda não estamos favorecendo um melhor uso do tempo já que as crianças que acabam mais rápido precisam aguardar o tempo previsto para finalizar a tarefa, assim como aquelas muito lentas podem ficar com alguma tarefa sem ser concluída. Mas neste momento o objetivo é aprender a lidar com a situação de não estarmos todos fazendo a mesma coisa ao mesmo tempo. É importante ressaltar que nesta etapa escolho atividades que necessitem aproximadamente do mesmo tempo para serem concluídas, na média. Também posso incluir atividades que possam ser vivenciadas e não necessitem de registro ou de tempo definido para serem concluídas como canto de leitura, jogos de montar, modelagem com massinha etc.

Num segundo momento começo a deixar as atividades à disposição, ou seja, eu apresento e oriento como deve ser realizada cada atividade, e as registro no quadro, mas não controlo a escolha da ordem na qual devem ser realizadas. Deixo que cada um/uma escolha a atividade pela qual quer iniciar e registro os nomes no quadro indicando quem está fazendo o quê. Neste caso, dependendo da atividade ela pode ter “limite de vaga” e quando estas são ocupadas os demais deverão esperar que alguém termine para poder fazê-la. Eu ainda controlo quem vai terminando, pois eles só podem escolher outras atividades quando os libero e coloco seus nomes no quadro. Nesta fase ainda não há uma total autonomia, pois ainda posso indicar a atividade nas quais deverão seguir, mas o tempo fica mais elástico já que podem ir terminando e escolhendo a próxima independente dos demais. Nesta etapa é bom incluir no

rodízio uma atividade para a qual os que concluírem tudo antes dos demais possam retornar sem “compromisso” ou já definir antes de iniciar o que acontece com quem termina tudo antes do prazo definido assim como com quem não termina tudo antes do prazo definido.

A última etapa, pelo menos até onde consegui construir, foi a de dar autonomia na escolha e na mudança de atividade. O que quer dizer que, ainda defino quais serão as atividades, as apresento, oriento como deverão realiza-las e as registro no quadro dependendo da necessidade de todos realizarem todas as atividades propostas ou não. Na primeira rodada os deixo escolherem por onde vão iniciar e, quando é o caso, registro seus nomes no quadro segundo as atividades escolhidas. Na sequência, quando vão concluindo, precisam apresentar para a professora ou para a bolsista e podem ir colocando seus nomes nas atividades seguintes, de acordo com seu interesse. Neste caso, não mais escolho atividades cujo tempo de realização seja similar, mas as escolho segundo diferentes critérios: explorando diferentes níveis de aprendizagem, ou seja, incluo algumas mais fáceis e outras mais difíceis dentro do mesmo conteúdo, mas também posso incluir atividades de diferentes temáticas ou áreas ou algumas atividades específicas por grupos e outras de interesse geral. Neste caso, apenas as de interesse geral serão realizadas por todos.

Considerando que realizo a atividade diversificado pelo menos uma vez por semana, alterno as propostas variando as habilidades e conhecimentos que serão explorados como: desenhos, modelagens, recorte e colagem, jogos, leituras e, é claro, atividades de registro, sejam em folhas avulsas ou no caderno. É desafiador planejar estas atividades no início, mas aos poucos vamos construindo um repertório variado que além de fazer com que o momento de atividades diversificadas seja rico em experiências e dinâmico, também seja lúdico.

Ao longo do tempo fui observando alguns limites e potencialidades do trabalho diversificado. De modo geral, tenho observado que esta forma de trabalhar tem várias características que podem exploradas de acordo com os objetivos do professor:

- A mais valorizada por mim é a de explorar diferentes níveis de conhecimento/aprendizagem ao mesmo tempo. Quando possibilitamos as crianças atividades concomitantes que podem ter níveis de dificuldade variados podemos atender, sem constrangimentos, às necessidades de aprendizagem individuais sem que saibam que cada uma será exigida de acordo com suas possibilidades. E ainda melhor, podemos escolher, se vamos orientar uma determinada atividade ou se vamos orientar

determinado aluno, pois como o ritmo da turma fica muito heterogêneo as crianças não notam.

- Outra característica que também valorizo muito é a de utilizar melhor o tempo disponível já que o trabalho diversificado evita que os mais ágeis esperem os mais lentos terminarem o que acontece quando estamos realizando a mesma tarefa todos ao mesmo tempo. Além disso, observo que o fato de terem autonomia na escolha podendo decidir quais atividades farão primeiro os deixa mais estimulados e acabam dando conta de muito mais tarefas num mesmo período de tempo do que dariam se estivessem realizando uma atividade de cada vez. Além disso, a prática escolar de todos fazendo a mesma atividade ao mesmo tempo não libera o professor para a orientação individualizada.
- No entanto, aqui percebo um limite muito importante no uso do trabalho diversificado. É uma estratégia que precisa ser planejada com rigor e, de modo algum, poderá ser utilizada em todos os momentos. As atividades que serão incluídas no trabalho diversificado precisam ser realizadas com alguma autonomia, ou pelo menos a maioria delas e pela maioria dos alunos. Ou seja, servem para a fixação de aprendizagens já realizadas ou para ampliação de habilidade cuja realização não depende de orientação individualizada. Essa ressalva é muito importante porque os momentos coletivos, de descoberta e de novas aprendizagens não podem ser descartados.
- Outra potencialidade que identifico é a possibilidade de desenvolver um trabalho interdisciplinar. No rodízio do trabalho diversificado entram todas as áreas, diferentes estratégias e até diferentes espaços ou suportes. É claro que esta possibilidade está condicionada também a forma como os conhecimentos são abordados no dia-a-dia da sala de aula, assim o trabalho com projetos, temas ou sequencias didáticas são compatíveis e se complementam à lógica do trabalho diversificado.
- Outro limite que pode ser superado com apoio da coordenação é a questão dos tempos de aula de 50 minutos. O trabalho diversificado necessita de pelo menos duas aulas seguidas uma vez que serão várias atividades acontecendo concomitantemente e ainda deve-se levar em consideração o tempo para apresentação de cada uma delas. Uma forma de minimizar este problema é fazer o trabalho diversificado em capítulos, ou seja, podemos dar continuidade, em outro dia, as atividades propostas, mas esta

alternativa exige muita organização por parte do professor que precisa registrar em outro suporte o acompanhamento do trabalho que normalmente é realizado no quadro.

Considerações finais

Nos últimos 5 anos venho sistematizando e observando a melhora no desempenho dos alunos assim como adequando a atividade as necessidades de cada grupo específico. Neste ano, de 2018, venho registrando o avanço dos alunos que se mostram mais envolvidos, com melhor desempenho em todas as áreas e com muito mais autonomia. É claro que este resultado não é apenas fruto do trabalho diversificado, mas, com certeza, ele é parte importante desse resultado promissor.

Referências Bibliográficas

- FREINET, Celestin. Pedagogia do Bom Senso. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- FREIRE, Madalena. A paixão de conhecer o mundo. São Paulo, Paz e Terra, 2001.
- KAMII, Constance. A criança e o número. Campinas, Papirus, 1992.
- SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. FREINET – evolução histórica e atualidades. São Paulo, Editora Scipione, 1989.
- WARSCHAUER, Cecília. A Roda e o Registro. Uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. São Paulo, Paz e Terra. 1993